

# OS NOSSOS MORTOS

---

## DR. ADOLFO LUNA FREIRE

Uma carta particular trouxe-nos a triste notícia do falecimento, no dia 23 de setembro de 1953, no Rio de Janeiro, do Dr. Adolfo Frederico de Luna Freire, um dos fundadores da Academia Cearense de Letras.

O Dr. Luna Freire, companheiro de Guilherme Studart, Justiniano de Serpa, Farias Brito, Drummond da Costa, José Domingues Fontenele, Álvaro de Alencar, Benedito Sidou, Franco Rabelo, Antônio Augusto de Vasconcelos, Pedro de Queiroz, Francisco Alves Lima, Waldemiro Cavalcante, Antonino Fontenele, Tomaz Pompeu, Raimundo de Arruda, Alvaro Mendes, José Carlos Junior, Virgílio de Moraes, José de Barcelos, Antônio Bezerra, Eduardo Studart, Eduardo Salgado, Alcântara Bilhar, Antônio Teodorico da Costa, Padre Valdivino Nogueira e Henrique Théberge na tarefa gloriosa da criação deste importante sodalício, era vulto de grande destaque da cultura nacional.

Filho do Desembargador Adelino Antonio de Luna Freire e de D. Umbeлина Augusto de Melo Luna, nasceu em Recife, a 29 de agosto de 1864.

Com os seus irmãos Adelino Filho, Antonio Tomás e Júlio Augusto, intellectuais brilhantes, manteve a justa fama de inteligência e illustração que distinguia os componentes da tradicional familia Luna Freire.

Diplomado em Medicina, pela Faculdade do Rio de Janeiro, no ano de 1887, defendeu a tese "Estudo Clínico da Diátese Fibrosa", que foi aprovada com distincção.

Vindo residir em Fortaleza, onde o seu pai tinha assento no Tribunal da Relação, aqui clinicou, lecionou Ciências Naturais na Escola Militar do Ceará e teve oportunidade de dar de público sobêjas provas dos seus vastos conhecimentos, ocupando as colunas do jornal "Gazeta do Norte" para discutir com o Dr. Meiton de Alencar, que escrevia no "Cearense", um caso de transfusão de sangue.

Na Academia Cearense, a sua voz, diversas vêzes, se fêz ouvir, com incedível brilho, na apreciação de teses científicas escolhidas em obediência aos Estatutos.

Fora do Ceará, na Capital da República, dedicou-se á clinica particular e hospitalar, esta no Hospital da Gamboa e Hospital D. Pedro II, exerceu o magistério na qualidade de professor de Higiene da Escola Normal e docente livre da

Faculdade de Medicina e serviu como sanitarista no Departamento de Saúde Pública, colaborando com o inolvidável Oswaldo Cruz na luta contra a febre amarela.

Em 1918, tomou parte, com o posto de coronel, na Missão Médica Militar Brasileira na primeira grande guerra européia, obtendo as condecorações Professor Labone e Medalha de Honra Vermeil e sendo distinguido com o convite para dirigir o Hospital de Bordéus.

Foi o organizador da parte clínica da "Associação de Proteção á Mulher", entidade em que figurou como benemérito.

Pertenceu á Academia Nacional de Medicina, desde 1900, na categoria de Titular Emérito, e á Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro.

Colaborou no "Brasil Médico", de que era secretário de relação, e nos Anais da Sociedade de Medicina de Pernambuco.

Ocupou a presidência da Associação dos Funcionários Públicos Civis.

Publicou numerosos trabalhos, entre os quais "Educação na Família e na Escola", "Filhos de Alcoólatras", "Estudo sobre o Câncer", "Lições de Clínica Médica" e "Algumas Considerações sobre a Patologia Nervosa".

O enterro realizou-se no Cemitério de São João Batista, havendo discursado á beira do tumulo o Dr. Álvaro Cumplido de Santana, em nome da Academia Nacional de Medicina, da qual é presidente.

Com a morte de Adolfo Luna Freire perde a Academia Cearense um dos seus mais notáveis membros, cuja nome ela saberá sempre recordar, não apenas por se tratar de um dos idealistas que a instituíram a 15 de agosto de 1894, mas também por ter sido dos que mais a dignificaram pelos serviços prestados e elevada projeção da sua individualidade intelectual e moral. — M. A. A.

---

## IRINEU PINHEIRO

No ano em curso, a 21 de maio, faleceu em Crato o escritor Irineu Pinheiro, um dos vultos de grande projeção da terra cearense.

Médico de grande ilustração, o ilustre extinto proferiu aos labores da arte de Hipócrates os da ciência de Heródoto, tornando-se um desvelado pesquisador do passado da sua região, o opulento Cariri, o da sua cidade, esse Crato cheio de tradições e rico de simpatia.

Da sua pena brilhante surgiram para a letra de forma diversos livros eruditos, como "Juazeiro do Padre Cícero e a Revolução de 1914", "Joaquim Pinto Madeira" e "O Cariri".

Encontrava-se em plena atividade intelectual, ocupada, em redigir uma carta alusiva a "Efemérides do Cariri", o seu último trabalho, quando a morte o assaltou, naquele dia fatídico.